

## Pela estrada afora com Chapeuzinho Vermelho.

Calina Miwa Fujimura  
Mestre em Literatura  
Brasileira pela UERJ

A longa jornada de nossa leitura pela narrativa se deu através de três versões de “Chapeuzinho Vermelho”. Chegamos à conclusão de que seria necessário fazer um retorno à versão primeira do conto, aquela contada entre os camponeses, que serviu de material para Charles Perrault desenvolver sua história isenta dos traços violentos e grotescos da narrativa medieval e para os Irmãos Grimm difundirem sua própria versão. À diferença dos contos anteriores, a versão alemã apresenta uma preocupação com o leitor: o desfecho é atenuado em seu fim, poupando a protagonista da devoração e incluindo a presença de um herói na pele de caçador. Entramos assim na densa floresta, dividida em espaços literários, partindo do lúdico, próprio do sujeito infantil, que conduziu nossa análise.

Iniciamos nosso estudo com o capítulo que aborda a temática do jogo. A partir da teoria lúdica, foi estabelecido um diálogo entre as versões de “Chapeuzinho Vermelho”, da qual resultaram nossas discussões acerca do jogo presente no conto. Na estrutura das narrativas escolhidas, reconhecemos o duelo travado entre narradores, permitindo que nos inteirássemos sobre as várias manutenções e inovações sofridas pelo conto, através do jogo parafrástico. Observamos ainda, no interior dessa partida, uma que se revelava a partir da história narrada, entre as personagens – com jogadores, regras e prêmios – podendo ser contemplada, inclusive, nas imagens ilustrativas de Gustave Doré, para o conto de Charles Perrault e na versão brasileira ilustrada do conto, *Chapeuzinho vermelho e outros contos por imagem*, de Rui de Oliveira.

A temática do jogo, por sua amplitude, não nos permite abordá-la em sua totalidade. Todavia, dentro do que nos propusermos a estudar nesse capítulo, abriu

sendas importantes para começarmos a delinear as proporções que o desejo assume em "Chapeuzinho Vermelho".

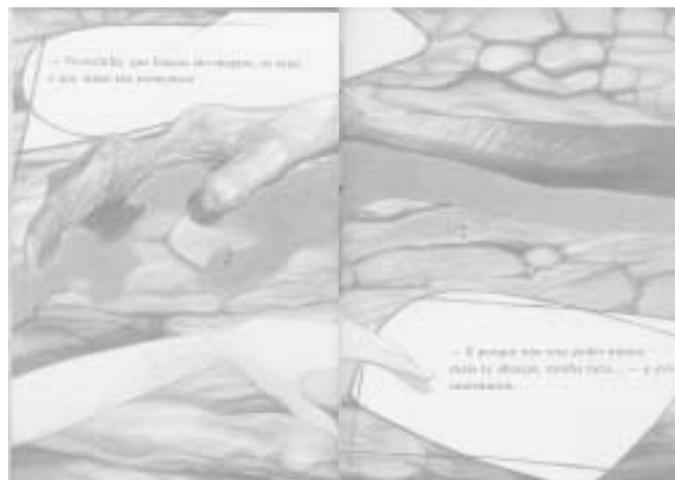
O segundo capítulo desta pesquisa trouxe como tema principal a figura do monstro no conto em questão. Nesse espaço, verificamos, após descobrirmos as faces de jogadores de Chapeuzinho Vermelho e do Lobo, como as mesmas personagens possibilitam uma percepção monstruosa de suas atitudes e condutas. Por meio do ensaio de Jeffrey Jerome Cohen, "A cultura dos monstros: sete teses" (2000), tivemos uma explanação sobre as características do ser monstro, utilizadas como base teórica do capítulo. Procuramos aproximar aquilo que é próprio da figura monstruosa às situações, nas quais Chapeuzinho Vermelho e Lobo adquirem posturas semelhantes, vistas não só no texto, mas também no estudo imagético de Rui de Oliveira.

As imagens da versão ilustrada de Oliveira (2002) moldadas a grafite pelo artista conservam, mesmo no cinza, a perfeição do jogo de gestos e olhares das personagens que fica bem marcada nas figuras aumentadas, infladas representadas por Rui de Oliveira. Desenhadas com requinte de detalhes, as ilustrações ocupam páginas inteiras e guardam surpresas em meio à vegetação densa e cheia de traços: pequenas criaturas, faces de monstros e olhos ajudam a compor o ar de mistério da floresta de "Chapeuzinho Vermelho".



A trilha de significados ocultos, encerrados em símbolos, foi por nós igualmente perseguida. Desvendar a simbologia presente em “Chapeuzinho Vermelho” foi essencial para entrarmos no conto *Fita Verde no cabelo: nova velha estória*, de Guimarães Rosa (2004). Sem deixar de lado a história da menina de capuz vermelho, estudou-se a versão brasileira para o conto, depreendendo assim os significantes remissivos à versão de referência, a metamorfose do enredo e a incorporação da versão tradicional, no trabalho de reinvenção a que se dedicaram o conto recriado e as ilustrações criadas por Roger Mello (2004) a ele vinculadas.

O ilustrador trabalha com o contraste entre as tonalidades do cinza e o verde, que aparece como sombra nas figuras, marcando momentos decisivos da narrativa. Como no encontro entre Fita Verde e a avó, em que Roger Mello vai deixando pistas de uma metamorfose da mão da avó em pata, garra de Lobo.



No espaço trágico da floresta, última etapa do roteiro percorrido, decidimos pensar sobre as direções a que podem levar o desejo e o prazer em “Chapeuzinho Vermelho”. Foi inevitável chegarmos à conclusão de que o diálogo sedutor do conto apresenta, em sua composição, uma dimensão trágica. A mecânica do trágico recorta “Chapeuzinho Vermelho” e completa os sentidos das outras trilhas, abertas pelas reelaborações da

história de desobediência, ultrapassagem de limites, impasse mortífero e castigo que a popularidade domesticadora do conto secular não superou.

Com a visão monstruosa que descobrimos em "Chapeuzinho Vermelho", começamos a vislumbrar a possibilidade de ler a trajetória da menina de forma semelhante à das personagens da tragédia grega. Descobrimos em outro conto que não *Fita Verde no cabelo: nova velha estória*, mas em *Primeiras estórias*, uma correspondência subjacente, interna, com o conto tradicional. Integrando o elenco do primeiro livro de contos de Rosa, "A benfazeja" permitiu-nos distinguir os traços trágicos que estruturam o mitologema, o enredo, a fábula do conto infantil e, sem capuz, desmascarado em sua artilosa trama narrativa, do conto de Guimarães Rosa.

Neste conto, verificamos pequenas pistas que remetem à relação entre o Lobo e a menina. A comparação com "Chapeuzinho Vermelho" levou-nos a constatar a estruturação de ambos os fios narrativos pelo viés do trágico. Portanto, transcendendo os limites da tragédia, traçamos um caminho que passava pelo reconhecimento do imaginário infantil nas *Primeiras Estórias* e das semelhanças entre o enredo das duas narrativas, para, enfim, vertermos nosso olhar em direção às categorias trágicas presentes em ambos os contos.

Ver o lado trágico do diálogo que conduziu Chapeuzinho Vermelho à realização de sua vontade era indispensável, pois trabalhávamos com um conto de cunho admoestatório. A maneira como foi formulada a tensão do embate e o devorar violento da menina, decorrentes de suas atitudes, adquiriram proporções iminentemente trágicas, pelos jogos de sedução, através dos aspectos monstruosos incorporados nas personagens, pelo dever de responder por escolhas.

Com o desvendar desses novos caminhos por nós propostos, que passam pelo desejo e por suas conseqüentes implicações, descobrimos outros espaços, dentro da imensa floresta do conto, capazes de produzir leituras inusitadas de "Chapeuzinho Vermelho". Assim como as demais narrativas, ela não exclui interpretações. Ao

contrário, está aberta para novas significações, podendo ser revisitada e novamente explorada por quem, pela estrada afora, com Chapeuzinho Vermelho, desejar seguir.